



Artur Alexandre de M. Leite



Faculdade Estácio de Sá (FAL)

arturleite1993@gmail.com

Marcos Leandro Silva



Faculdade Estácio de Sá (FAL)

marcospsiufal@gmail.com

UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO DA TEORIA PSICOSSOCIAL DE ERIK ERIKSON: CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

RESUMO

Este estudo objetiva conhecer as contribuições da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson para o campo educacional. Justifica-se pela dificuldade em encontrar referências que discutam essa teoria, assim como, a pouca atenção que recebe em cursos de Pedagogia em Alagoas. Esta pesquisa é bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como principais referências: Bee (2003), Papalia e Feldman (2013), Carpigiani (2010), Veríssimo (2002), Brandão (2007), Contrim e Parisi (1982), entre outros escritos pesquisados nas bibliotecas virtuais: Scielo, Google Schola e Periódicos da CAPES. Compreendemos que a educação em Erikson é uma constante em todos os estágios de desenvolvimento do homem, atuando como instrumento a serviço da cultura. A versatilidade de seus conceitos possibilita a leitura sobre sujeitos em momentos distintos de vida, oferecendo importantes subsídios teóricos para os profissionais da educação.

Palavras-chave: Erik Erikson. Teoria do Desenvolvimento Psicossocial. Educação. Teoria Psicossocial.

A BIBLIOGRAPHIC STUDY OF ERIK ERIKSON'S PSYCHOSOCIAL THEORY: CONTRIBUTIONS TO EDUCATION

ABSTRACT

This study aims to know the contributions of Erik Erikson's Theory of Psychosocial Development to the educational field. It is justified by the difficulty in finding references that discuss this theory, as well as, the little attention that receives in courses of Pedagogy in Alagoas. This research is a qualitative bibliographical one, having as main reference: Bee (2003), Papalia and Feldman (2013), Carpigiani (2010), Veríssimo (2002), Brandão (2007), Contrim and Parisi researched in the virtual libraries: Scielo, Google Schola and Periodicals of CAPES. We understand that education in Erikson is a constant in all stages of development of man, acting as an instrument in the service of culture. The versatility of its concepts makes it possible to read about subjects at different moments of life, offering important theoretical subsidies for education professionals.

Keywords: Erik Erikson. Theory of Psychosocial Development. Education. Psychosocial Theory.

Submetido em: 24/10/2018

Aceito em: 08/02/2019

Ahead of print em: 08/04/2019

Publicado em: 25/04/2019



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n23p148-168>



I INTRODUÇÃO

A escrita deste trabalho justifica-se pelo desconhecimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial entre os alunos de um curso de especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional com formação inicial em cursos de licenciatura, como também, pela dificuldade em encontrar obras que apresentem a teoria de Erik Erikson.

Adentrando a biografia deste autor, pode-se dizer que Erikson foi um importante psicanalista infantil e teórico da Psicologia. Pesquisou o desenvolvimento humano e a formação da personalidade, fortemente influenciado por conceitos e métodos elaborados por Sigmund Freud. Sua maior contribuição ao campo da Psicologia e áreas afins foi à criação da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, que, segundo Carpigiani (2010, p. 1), “forneceu elementos para a compreensão do processo de internalização da cultura no universo inconsciente individual e na formação da personalidade do ser humano”.

Os principais avanços de Erikson em relação a outros teóricos da Psicologia residem na compreensão de que o desenvolvimento humano é um processo contínuo que não se encerra na adolescência, mas perpassa a vida adulta até a velhice e que ele não é resultado apenas de fatores biológicos, mas da articulação desses com fatores sociais e individuais, destacando a importância da cultura para o desenvolvimento saudável dos sujeitos, oferecendo um arcabouço teórico extremamente rico para pensarmos um objeto tão complexo como a educação – influenciada por questões sociais, culturais, econômicas e políticas (CARPIGIANI, 2010).

Diante do exposto, esta pesquisa objetiva conhecer as contribuições da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson para o campo educacional. Ela apresenta uma revisão de literatura sobre a teoria do desenvolvimento psicossocial, destacando os principais conceitos elaborados por Erikson, como os oito estágios do desenvolvimento e as crises do Ego e os resultados de uma pesquisa bibliográfica sobre as contribuições dos conceitos eriksonianos para o campo da Educação.

2 METODOLOGIA

Este trabalho sintetiza os resultados e discussões de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, referente ao campo dos processos educativos, especificamente, as possíveis relações entre a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial e a Educação.

Metodologicamente, nosso trabalho teve como guia o ensaio de Lima e Miotto (2007) que descreve os procedimentos metodológicos necessários para a construção da pesquisa bibliográfica. Para as autoras (2007, p. 37), “trabalhar com a pesquisa bibliográfica significa realizar um movimento incansável

de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico, e que isso exige vigilância epistemológica”.

Como fundamentação teórica, adotamos as obras de Bee (2003) e Papalia e Feldman (2010) que discutem as teorias do desenvolvimento humano. Utilizamos exclusivamente os capítulos e tópicos que tratam apenas da Teoria Psicossocial desenvolvida por Erik Erikson, desconsiderando os conceitos elaborados por seus seguidores. Para compreender o contexto histórico de criação da teoria, adotamos como referencial um artigo publicado por Carpigiani (2010) no qual aborda a biografia de Erik Erikson; seu contato com a psicanálise; os estudos interculturais em tribos indígenas americanas; a teoria psicossocial e os oito estágios de desenvolvimento humano. As discussões no campo educacional centraram-se nos escritos de Brandão (2007) e Contrim e Parisi (1982).

Seguindo os procedimentos apresentados por Lima e Mioto (2007), este trabalho consistiu em uma revisão de literatura sobre a Teoria Psicossocial, tendo como referência, além dos pesquisadores citados, textos de Rabello e Passos (2001), Rodrigues e Melchiori (2010) e Veríssimo (2002). Posteriormente, pesquisamos em sites e periódicos científicos trabalhos em língua portuguesa que abordassem a teoria psicossocial e sua relação com a educação, a fim de verificar a quantidade e a qualidade das publicações.

Os textos foram pesquisados nas páginas Scielo, Google Schola e Periódico da CAPES, utilizando os termos: “Erik Erikson”; “Erik Erikson e educação”; “teoria do desenvolvimento psicossocial”; “teoria psicossocial e teoria psicossocial e educação”. Como o nosso recorte foi apenas conhecer as contribuições da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erik Erikson para o campo educacional, foram descartadas as obras encontradas que não tinham relação com a educação. Como resultado, obtivemos apenas três trabalhos que apresentaram e discutiram a teoria psicossocial e a educação, como mostra a tabela abaixo.

Quadro 1 – Artigos colhidos em sites e periódicos de língua portuguesa

Título	Autor (es)	Ano
Contribuições do pensamento de Erik Erikson à ideia de formação humana e à Educação	NASCIMENTO, Isabela Ribeiro Villares ALVES, Edvânia dos Santos, JÚNIOR, José Policarpo	2015
Relação entre a teoria psicossocial de Erik Erikson e adolescentes no contexto escolar	SILVA, Alcivan Pereira da MARQUES, M. L. G. R. Dantas DANTAS, Gildevan Estrela.	2015
O desenvolvimento psicossocial do jovem adulto em Erik Erikson	BORDIGNON, Nelso Antonio.	2007

Fonte: os autores

Os textos colhidos foram lidos, resumidos e analisados à luz dos autores selecionados como referencial teórico e são apresentados no tópico resultados e discussões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, apresentamos inicialmente uma revisão de literatura da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, objetivando familiarizar o leitor com o pensamento de Erik Erikson, discutindo as principais ideias e conceitos que constituem sua teoria. Posteriormente, debatemos o conceito de educação apresentado pelo pesquisador e a análise dos trabalhos colhidos, a fim de levantar as possíveis implicações da teoria eriksoniana no contexto educacional.

3.1 Teoria do Desenvolvimento Psicossocial

A Teoria Psicossocial surgiu no seio da corrente psicanalítica, compartilhando importantes conceitos e fundamentos psicanalíticos, sendo apresentada nos livros de Bee (2003) e Papalia e Feldman (2013) em capítulos que tratam da Teoria Psicanalítica. Essa proximidade com a teoria freudiana é inegável, sendo necessário retornarmos a ela para avançarmos na compreensão da teoria eriksoniana.

A tradição psicanalítica compreende o comportamento como processos subjacentes a *psique* (termo grego que pode significar alma, espírito ou mente), tendo Sigmund Freud como principal referência. O pensamento chave dessa tradição é que “o comportamento é governado por processos tanto *inconscientes* como *conscientes*. Segundo Bee (2003, p. 46): “alguns desses processos inconscientes estão presentes no nascimento, outros se desenvolvem ao longo do tempo”. Nessa tradição, a personalidade tem uma estrutura psíquica que se desenvolve, segundo o referido autor (*idem*), ao longo do tempo, dividida em três partes:

[...] o *id*, que é o centro da libido [impulso sexual instintivo]; o *ego*, elemento mais consciente, o executivo da personalidade; e o *superego*, que é o centro da consciência e da moralidade, uma vez que incorpora as normas e as limitações morais da família e sociedade.

Essas três partes estão presentes desde o nascimento, contudo, se manifestam à medida que o corpo passa por um processo natural de maturação do sistema nervoso central (à medida que crescemos).

Ao nascer somos puramente *id*, guiados pelos instintos básicos de sobrevivência; por volta dos dois anos começamos a desenvolver o *ego*, quando começamos a nos diferenciar do restante do mundo; posteriormente desenvolvemos o *superego*, à medida que internalizamos as regras, valores e costumes da nossa sociedade. Esse desenvolvimento se dá em fases, sendo caracterizadas pelo desvio da libido para regiões diferentes do corpo mais estimuladas em idades específicas (oral, anal, fálica, latência e genital) (BEE, 2003).

Para reforçar a proximidade do pensamento eriksoniano com a psicanálise Bee (2003, p. 305) destaca quatro proposições que são comuns às duas teorias:

[a] o comportamento é governado por processos conscientes e inconscientes [...]; [b] a estrutura da personalidade se desenvolve ao longo do tempo, como resultado da interação entre impulsos/necessidades inatas da criança e respostas das pessoas essenciais ao seu mundo [...]; [c] o desenvolvimento da personalidade se dá fundamentalmente em estágios [...]; e [d] a personalidade que uma criança desenvolve depende do grau de sucesso que alcança ao avançar esses vários estágios.

Para Carpigiani (2010), o desenvolvimento, segundo Erikson, ocorre como resultado da integração de três dimensões inerentes ao homem: a dimensão biológica; a dimensão social e a dimensão individual. A dimensão biológica é a base para o desenvolvimento, é ela que alicerça o desenvolvimento de qualquer ser vivo, é sobre essa base que ocorre o desenvolvimento das demais dimensões, em um processo chamado por ele de *Principio Epigenético*, afirma Carpigiani (2010, p. 4):

[...] Epigênese significa que algo se desenvolve sobre outra coisa no espaço e no tempo. [...] Significa dizer que todo ser vivo está apoiado sobre uma base que proporciona potencialmente o desenvolvimento de funções determinadas. É o suporte biológico que sustenta o plano psicológico.

A dimensão social se desenvolve nas relações culturais em que o bebê está inserido. A satisfação de suas necessidades iniciais, seus instintos se dará na relação com o outro. Conforme o referido autor (idem, p. 5): “esse processo de organização das pulsões se dá de diferentes formas de acordo com a família, sociedade e cultura”. A dimensão individual é responsável por articular os elementos que constituem a dimensão biológica e a dimensão social, é essa articulação pessoal que garantirá ao sujeito a sua identidade. Essa dimensão está ligada ao conceito de ego, indispensável para a fundamentação da teoria eriksoniana.

Para Carpigiani (ibidem), a ideia das três dimensões

[...] nos ajuda a compreender o desenvolvimento psicológico saudável e a explicação para a infinita capacidade de adaptabilidade do ser humano. [...] O homem evolui porque precisa manter-se em equilíbrio, portanto, deve estabelecer continuidade e sentido para os conflitos que experimenta ao longo de sua vida.

O ego assumiu uma posição central na teoria psicossocial. Erikson compreende que ele se desenvolve na relação de interdependência entre a organização interna e a social, integrando a história vivenciada e estabelecendo continuidade nas experiências afetivas desde muito cedo, caracterizando a capacidade do homem de unificar de modo adaptativo sua experiência e sua ação (CARPIGIANI, 2010).

Para Rabello e Passos (2001), o principal avanço apresentado por Erikson foi a compreensão do ser humano como um ser social, antes de tudo, que vive em grupo, sofre pressão e influência deste. Ele desviou o foco da sexualidade para as relações sociais, propondo que o desenvolvimento ocorre em estágios psicossociais que vão além da infância, pois a personalidade não é totalmente desenvolvida nessa etapa, sendo modificada em etapas posteriores.

Eles acrescentam que para Erikson o indivíduo cresce articulando exigências internas do ego com existências externas do meio em que vive. Em cada estágio, o ego passa por uma crise que nomeia esse estágio. Quando o desfecho é positivo ocorre uma ritualização do comportamento, gerando um ego mais forte e rico, pronto para encarar situações de crise semelhantes, quando o desfecho é negativo ocorre um ritualismo, fragilizando o ego, tornando-o pouco apto para situações de crise. A personalidade se forma no decorrer das crises, reformulando-se de acordo com as experiências vividas.

Como destacamos, para a teoria psicossocial, o desenvolvimento ocorre em estágios que perpassam desde a infância até a velhice. No próximo subtópico apresentamos estes estágios.

3.2 Estágios do desenvolvimento psicossocial

A teoria psicossocial compreende que a identidade se desenvolve durante toda a vida, sofrendo mudanças mesmo após a adolescência (BEE, 2003). Esse desenvolvimento se dá em estágios e cada um envolve o que Erikson chamou de *crise na personalidade*. Essa crise pode ser compreendida, segundo Papalia e Feldman (2013, p. 61), como um dilema psicossocial que emerge em determinada fase da vida, obedecendo a um cronograma maturacional, que deve ser satisfatoriamente resolvido para o desenvolvimento de um ego saudável. “Cada estágio requer o equilíbrio entre uma tendência positiva e uma tendência negativa correspondente. A qualidade positiva deve ser dominante, mas também é necessário um pouco da qualidade negativa para um desenvolvimento ideal”.

Com a intenção de facilitar a compreensão dos estágios de desenvolvimento da teoria psicossocial, apresentamos abaixo a tabela 2 que sintetiza as principais características dos oito estágios psicossociais desenvolvidos por Erikson, destacando as crises que nomeiam todos os estágios, as atribuições enfrentadas pelo ego e a virtude a ser desenvolvida em cada um deles. Após a tabela voltamos a abordar os estágios de modo descritivo.

Quadro 2 – Estágios de desenvolvimento da Teoria Psicossocial

Período	Qualidade de Ego a ser desenvolvida	Algumas tarefas e atividades do estágio	Virtude
Nascimento aos 12-18 meses	Confiança básica <i>versus</i> Desconfiança básica	O bebê desenvolve o senso de perceber se o mundo é um lugar bom e seguro.	Esperança
12-18 meses aos 3 anos	Autonomia <i>versus</i> vergonha, dúvida.	A criança desenvolve um equilíbrio de independência e autossuficiência em relação à vergonha e à dúvida.	Vontade
3 aos 6 anos	Iniciativa <i>versus</i> Culpa	A criança desenvolve a iniciativa quando experimenta novas atividades e não é dominada pela culpa.	Propósito
6 anos à puberdade	Diligência <i>versus</i> Inferioridade	A criança deve aprender as habilidades da cultura ou enfrentar sentimentos de incompetência.	Habilidade

Puberdade ao adulto jovem	Identidade <i>versus</i> Confusão de Papéis	O adolescente deve determinar seu próprio senso de eu (“quem sou eu?”) ou experimentar uma confusão de papéis.	Fidelidade
Adulto jovem	Intimidade <i>versus</i> Isolamento	A pessoa procura estabelecer compromissos com os outros; se não for bem-sucedida, poderá sofrer isolamento e auto absorção.	Amor
Vida adulta intermediária	Generatividade <i>versus</i> Estagnação	O adulto maduro preocupa-se em estabelecer e orientar a próxima geração, ou então sente um empobrecimento pessoal.	Cuidado
Vida adulta tardia	Integridade do Ego <i>versus</i> Desespero	O idoso alcança a aceitação da própria vida, o que favorece a aceitação da morte, ou então se desespera com a incapacidade de reviver a vida.	Sabedoria

Fonte: quadro adaptado de Bee (2003) e Papalia e Feldman (2013).

O primeiro estágio – Confiança básica *versus* Desconfiança básica – psicossocial corresponde ao período entre o nascimento e os primeiros 18 meses de vida do bebê. A atenção dele está voltada para a mãe, que satisfaz suas necessidades e desejos em uma margem de tempo suportável fazendo-o compreender que não está abandonado à própria sorte (em alguns casos outra pessoa assume esse papel). Quando o bebê vivencia essa fase de forma harmoniosa, recebendo carinho e atenção dos seus provedores ele desenvolve o sentimento de confiança básica, quando esses anseios não são correspondidos de maneira satisfatória o sentimento desenvolvido é o da desconfiança básica (RABELLO e PASSOS, 2001).

Bee (2003), Rabello e Passos (2001), Papalia e Feldman (2013) e Carpigiani (2010) afirmam que o desenvolvimento saudável do ego necessita do equilíbrio entre esses dois sentimentos, sendo importante que a criança vivencie alguns momentos de frustração para compreender que é importante desconfiar em alguns momentos, assim como Erik Erikson. Nessa etapa Papalia e Feldman (2013) afirmam que a criança desenvolve a virtude da esperança por compreender que é possível querer e esperar.

O segundo estágio – Autonomia *versus* Vergonha, dúvida – psicossocial ocorre entre os primeiros 18 meses de vida e os 03 anos de idade. Nessa fase, a criança está com maior mobilidade, iniciando o desenvolvimento do senso de independência e/ou autonomia. Esse período necessita de orientação dos pais para evitar que a criança vivencie sucessivos fracassos gerando um sentimento de vergonha (raiva de si mesmo) e dúvida ao invés do autocontrole e autovalor (BEE, 2003). Rabello e Passos (2001) acrescentam que nessa etapa a criança começa a assimilar regras sociais compreendendo alguns privilégios, obrigações e limitações, aprendendo a se controlar. Novamente os autores reforçam a importância do equilíbrio entre experimentações positivas e negativas para o desenvolvimento saudável do ego. É esperado que nessa etapa a criança desenvolva a força básica da vontade.

O terceiro estágio – Iniciativa *versus* Culpa – se dá entre os 03 e 06 anos de idade, quando a criança ingressa na escola. Nessa etapa, é esperado que a criança tenha desenvolvido a confiança, o

controle e a autonomia, presentes nas etapas anteriores. Unindo confiança e autonomia a criança desenvolve a determinação, imprescindível para o senso de iniciativa. De acordo com Rabello e Passos (2001), a criança tem um crescimento intelectual, reflexo do seu ingresso na escola, que é essencial para a sua capacidade de planejamento e organização, desenvolvendo como virtude o propósito.

Quando seus planos não se concretizam a criança tende a direcionar sua energia para a fantasia, tentando compensar, de algum modo, a culpa por não realizá-los. Normalmente, tais objetivos se dão no plano sexual e na fase adulta essa frustração pode resultar em patologias ou ser expressa pela somatização dos conflitos. A criança, ao se sentir culpada pode também desenvolver ansiedade por atividades futuras. Assim, Rabello e Passos destacam a importância de os pais explicarem às crianças que algumas atividades não podem ser desenvolvidas por elas, ainda, estimulando o treino dessas atividades na infância para quando estiverem aptas (BEE, 2003; PAPALIA e FELDMAN, 2013; CARPIGIANI, 2010).

O quarto estágio – Diligência versus Inferioridade – ocorre entre os 06 anos de idade e a puberdade. Nesta etapa do desenvolvimento, a criança começa a desenvolver o controle pela atividade, tanto física quanto intelectual, adaptando-se às regras e métodos do sistema formal de ensino, tendo suas principais relações sociais na escola. Ela aprende o que é valorizado no mundo adulto, e tenta se adaptar a ele, projetando-se no futuro. Assim, ela desenvolve a ideia de perseverança, compreendendo que podem existir recompensas em longo prazo. Nesse contexto, ele começa a se interessar pelo trabalho, realizando diferentes tarefas e sentindo que adquiriu habilidade quando consegue fazer com competência e sentindo prazer por tal. É essa sensação de prazer que impede o ego de regredir ou se sentir inferior (BEE, 2003; PAPALIA e FELDMAN, 2013; RABELLO e PASSOS, 2001).

O quinto estágio – Identidade versus Confusão de Papéis – aborda a crise de identidade vivenciada durante a adolescência. Essa etapa é marcada por transformações físicas e psicológicas requerendo do adolescente segurança para passar por todas elas (RABELLO e PASSOS, 2001). Essa segurança vem da integração realizada pelo ego na forma da identidade do ego, que é mais que a soma das identificações da infância e diz respeito, segundo Carpigiani (2010, p. 16): “à experiência acumulada da capacidade do ego para integrar todas as identificações realizadas mais as aptidões naturais da pessoa mais as oportunidades oferecidas pelas funções sociais”.

Rabello e Passos (2001) concordam com Bee (2003) ao afirmar que a confusão de identidade tem início com a necessidade de encontrar um papel social, o que faz o adolescente mudar sua atitude muitas vezes e remodelar sua personalidade em um curto período de tempo, buscando integração em algum grupo de seu interesse. Durante essa etapa, ele pode se sentir vazio, isolado, ansioso, o que pode levá-lo a uma regressão, ou fazê-lo projetar suas tendências em outras pessoas por não suportar sua identidade. Quanto melhor ele tiver passado pelas etapas anteriores, maior a possibilidade de estabilização da sua

identidade. Quando sua identidade estiver firme ele se sentirá fiel e leal a si mesmo, conquistado o sendo de identidade continua Carpigiani (idem):

[...] o sentimento de identidade do ego, então firma certeza de que coerência e continuidade interiores elaborados no passado alicerçam e equivalem á coerência e á continuidade do próprio significado de si mesmo para a cultura, o que se evidencia, por exemplo, na escolha de uma carreira.

No sexto estágio – Intimidade versus Isolamento – o indivíduo, agora um adulto jovem, deve estar pronto para unir a sua identidade a de outra pessoa sem se sentir ameaçado. Para isso, é preciso que ele tenha vivenciado as fases anteriores de forma positiva, construindo um ego forte, saudável e autônomo que aceite conviver com outro ego sem se sentir anulado ou ameaçado. Quando o ego não está suficientemente seguro, o indivíduo pode preferir o isolamento em detrimento da intimidade. O risco nessa etapa é o adulto jovem desenvolver o elitismo, restringindo seus contatos sociais a indivíduos com personalidades parecidas (RABELLO e PASSOS, 2001).

Para Carpigiani (2010), Erikson compreendia que o adulto jovem precisava estar preparado para a intimidade, estabelecendo ligações afetivas duradouras e com força ética suficiente para ser fiel a essas ligações, mesmo que elas imponham compromissos significativos, desenvolvendo a virtude do amor. Ela salienta que o isolamento é importante, o adulto jovem precisa suportar estar sozinha, assim como estar em um relacionamento.

O sétimo estágio – Generatividade versus Estagnação – diz respeito à vida adulta intermediária sendo, talvez, o período mais longo entre os oito estágios. Nessa etapa, o dilema existente é entre generatividade e estagnação. De acordo com Carpigiani (2010, p. 17), quando o desenvolvimento do ego se deu de forma saudável nas etapas anteriores o indivíduo deve estar apto para “enfrentar desafios, cuidar dos bens conquistados e fazer a manutenção das relações afetivas”. É nessa etapa que ocorre a construção da família, a expansão profissional e o envolvimento e cuidado com uma nova geração (definido como generatividade). Contudo, à medida que o indivíduo envelhece o seu envolvimento com as novas gerações pode se perder, o que gera o sentimento de estagnação, por não se sentirem mais necessários.

O oitavo e último estágio – Integridade do Ego versus Desespero – corresponde à vida adulta tardia. Nesse momento da vida Erikson compreendia que o ser humano refletia sobre sua vida, o que fez e o que deixou de fazer. Rabello e Passos (2001) escrevem que esse processo se dá de duas formas: a pessoa pode entrar em desespero ao ver que a morte está mais próxima, compreendendo que seu tempo acabou que não pode fazer mais nada pela família e pela sociedade, vivenciando a velhice em eterna nostalgia e tristeza; ou, a pessoa sente que cumpriu com seu dever, experimentando os sentimentos de dignidade e integridade. Carpigiani (2010) salienta que esses sentimentos podem ser maximizados ou

minimizados pela cultura, dependendo do papel que o velho ocupa em cada sociedade e sua importância. A virtude desenvolvida nessa etapa é a sabedoria.

Revisados os principais conceitos da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, abaixo, no próximo subtópico, apresentamos os resultados da nossa pesquisa bibliográfica discutindo as possíveis aplicações da teoria na educação.

3.3 A educação na Teoria Psicossocial

Diferente de outros teóricos do desenvolvimento humano, Erikson não teorizou sobre um modelo ideal de educação. Contrário a esse pensamento, o pesquisador avançou ao compreender que a cultura influencia diretamente no desenvolvimento humano e que cada sociedade elabora um modelo educacional com conhecimentos e técnicas mais adequados para sua manutenção e sobrevivência.

Entretanto, mesmo não apresentando um modelo educacional, a educação está presente na Teoria Psicossocial, sendo apresentada como uma ferramenta a serviço da cultura que não se restringe à escola, ocorrendo nas interações sociais desde o nascimento. Podemos percebê-la tanto nos estágios iniciais correspondentes à infância, na adolescência e nos estágios posteriores, correspondentes à fase adulta (CARPIGIANI, 2010; VERÍSSIMO, 2002; BEE, 2003; PAPALIA e FELDMAN, 2013).

Partindo da compreensão de que a educação não é uma, mas muitas, de que ela não se limita ao ambiente escolar, mas existe fora dele nas interações sociais e com o meio ambiente, trouxemos para o nosso trabalho uma leitura sobre os estudos interculturais desenvolvidos por Erikson que corroboram com essa percepção da educação, em sua teoria.

Os estudos interculturais foram o motor para a sua teoria, reconhecendo a importância da cultura como um fator determinante para o desenvolvimento saudável dos sujeitos e de suas personalidades. Tese comprovada a partir de uma pesquisa realizada em tribos indígenas norte-americanas (VERÍSSIMO, 2002).

A pesquisa foi realizada durante a segunda metade do século XX, consistindo em observação participante e entrevistas com índios dos povos Sioux e Yoruk. Erikson conversou com idosos, adultos e crianças; ouviu relatos espontâneos sobre suas memórias, suas culturas e a maneira como educavam suas crianças, a fim de se adequarem aos ideais de homem e de mulher necessários à sobrevivência da comunidade. Essa foi a base para o desenvolvimento inicial das oito idades do homem e deu origem ao livro **Infância e Sociedade** (CARPIGIANI, 2010; VERÍSSIMO, 2002).

O referido autor (2010, p. 6) compreendeu que “a construção da identidade individual pode sofrer profundas marcas, quando ocorre um trauma ou uma sequência de traumas, ao longo do desenvolvimento da cultura à qual a pessoa pertence”. Isso reforça a importância do meio social para o desenvolvimento saudável do Ego, compreendido como central para a Teoria Psicossocial.

Ao entrevistar os povos indígenas, percebeu que muitos viviam uma apatia severa, principalmente crianças. Esse estado era consequência dos traumas culturais que sofreram. Inicialmente nômades e caçadores, com a colonização, perderam território, sacrificando sua autonomia e se submetendo às exigências governamentais para sobreviver, assim, tornaram-se sedentários e passaram a plantar e a criar gado. Características importantes como coragem, capacidade de luta, vigor, procriação e orgulho na educação das suas crianças, que mantinham sua comunidade viva diante do novo cenário social perderam sentido (CARPIGIANI, 2010).

Carpigiani (2010, p. 10) nos lembra de que suas “representações [...] foram se esvaziando ao longo do tempo e [...] mal podiam ser percebidas no atual estilo de vida que os descendentes indígenas conseguiram adotar a fim de sobreviver”. Consequência de um projeto educacional do governo que não considerou as diferenças culturais das tribos, oferecendo uma educação que degradou e enfraqueceu tanto as identidades individuais quanto coletivas. Os indígenas transitavam em dois mundos: um índio e outro branco, contudo, não se sentiam pertencentes a nenhum deles.

Para o referido autor (2010), Erikson compreendeu que em qualquer sociedade, a educação infantil é o instrumento sensível de uma síntese cultural até que uma nova síntese se revele mais convincente e inevitável. No caso dos índios, os antigos princípios da educação infantil ainda eram atuantes, sobrepujando a educação infantil apresentada pelo homem branco.

Para os indígenas norte-americanos, a criança deveria agir de forma individualista já na primeira infância e os pais não podiam interferir nem questionar esse comportamento, aprovando a autodeterminação, principalmente nos meninos. Não há nenhuma condenação aos hábitos infantis. Somente quando a criança estava forte fisicamente e confiante em si mesma, era exigido que ela iniciasse sua adequação à tradição do grupo. A esse respeito diz Carpigiani (idem, p. 8): “focando sobre sua conduta real mais do que sobre suas funções corporais e suas fantasias. Incorporando-se a criança uma tradição elástica que em uma forma estritamente institucionalizada atende a suas necessidades sociais” (SIC).

As classes dominantes da civilização ocidental, em contrapartida, apresentam uma forma de educação mais burocratizada, que regula sistematicamente as funções e os impulsos na primeira infância, em busca de uma proteção na atuação da criança em momentos posteriores na sociedade. Desenvolvem uma rotina para a criança, regulando suas primeiras experiências com seu corpo e com seu ambiente físico imediato. Como afirma Carpigiani (2010, p. 9):

[...] só depois dessa socialização mecânica, é incentivada a se declarar uma individualista áspera. Persegue objetivos ambiciosos, mas permanece compulsoriamente dentro dos limites das carreiras estandardizadas que, na medida em que aumenta a complexidade da economia, tendem a substituir as responsabilidades mais gerais. A especialização assim incrementada conduziu esta civilização ocidental ao domínio da máquina, mas também a uma corrente subterrânea de ilimitado descontentamento e desorientação individual.

Apresentadas as diferenças entre esses dois modelos educacionais, faz-se imprescindível destacar que a educação desenvolvida em uma cultura pouco significa para os membros de outra. Isso explica a apatia dos índios diante de um projeto educacional que os impunha a educação ideal para a cultura do colonizador, desconsiderando as individualidades intrínsecas a esses grupos indígenas. Continua Carpigiani (ibidem):

[...] a consciência do homem branco [...] exige uma contínua reforma dele próprio, na procura de carreiras que conduzam a padrões sempre mais altos. Essa reforma requer uma consciência cada vez mais interiorizada, que atue contra a tentação, sem a presença de observadores críticos.

Corroborando com o pensamento de Erikson, Contrim e Parisi (1982, p. 13) nos lembram que a capacidade de aprendizagem é uma característica predominantemente humana. O homem possui instintos, entretanto, “pode adquirir uma série de conhecimentos que ele não traz por hereditariedade”. Segundo eles, a aprendizagem se dar a partir de duas fontes básicas: a experiência individual, que leva a uma aprendizagem independente e a transferência de conhecimentos de indivíduo para indivíduo. Evolutivamente, a segunda forma de transferência de conhecimento tornou-se a grande arma do homem na luta pela sobrevivência. Segundo Cotrim e Parisi (1982, p. 13):

[...] essa fonte ofereceu ao homem aprendiz a possibilidade de se aproveitar das experiências de seus contemporâneos e antepassados, sem precisar descobri-los novamente. Herdar experiências de outros indivíduos foi um benefício valioso, impossível de se desfrutar sem o desenvolvimento da linguagem. Através da linguagem, a herança cultural humana se transmitiu pelos indivíduos e sociedades.

Contrim e Parisi (1982) concordam com Erikson ao reconhecer que a cultura é um fator determinante para o desenvolvimento humano, sendo imprescindível para nossa evolução enquanto espécie. Acrescentam que a capacidade de aprendizagem do homem de aprender com as experiências de seus antepassados deu origem ao processo que chamamos de educação, que por sua vez, segundo os referidos autores (1982, p. 13), pode ser compreendida como:

[...] o processo pelo qual o homem, através de sua capacidade para aprender, adquire experiências que atuam sobre a sua mente e o seu físico. Algumas destas experiências terão a capacidade de influenciar o seu comportamento em termos de ideias ou de ações, enquanto outras poderão ser rejeitadas ou não assimiladas. Trata-se de uma seleção qualitativa das experiências aprendidas.

Nesse caminho, a educação aparece aliada à cultura, como uma forma de mantê-la viva, transferindo os saberes de um povo para as novas gerações. Esse processo educacional pode ocorrer de forma sistemática, segundo um conjunto ordenado de experiências a partir de um método de ensino pré-definido, sendo ministrada predominantemente nas escolas, ou assistemática quando a experiência de aprendizagem vivenciada pelos educandos ocorre sem ordenação ou método definido para esse fim. Como as interações com amigos e familiares, por exemplo, (CONTRIM e PARISI, 1982).

Em acordo com Erikson eles escrevem que os objetivos e finalidades da educação são variáveis de acordo com a cultura, a sociedade e o tempo. “Ela tende a refletir a situação econômica, social e política de cada época e as necessidades humanas desses períodos” (COTRIM e PARISI, 1982) p. 20). Reforçando ainda mais as proximidades de suas ideias os autores (idem, p. 20) complementam que:

[...] conscientes da complexidade e riqueza da natureza humana, os educadores contemporâneos revelam-se profundamente interessados no desenvolvimento da personalidade global do indivíduo. Desta maneira, as correntes educacionais contemporâneas defendem, de maneira geral, que a finalidade da educação é proporcionar um harmonioso desenvolvimento da personalidade. Trata-se de educação como ajustamento do homem ao meio em que vive, para que ele saiba aceitar, compreender e reagir adequadamente às circunstâncias físicas, sociais e culturais do seu ambiente.

Nesse mesmo caminho, Brandão (2007, p. 7) é categórico ao afirmar que ninguém escapa da educação.

[...] em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.

Ao falar de educações Brandão (2007) compreende que ela não é singular, mas plural, não se limitando à escola, mas presente em toda situação social que implica a aquisição de conhecimentos, sejam teóricos, práticos ou habilidades sociais. Afirma Brandão (idem, p. 10): “existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância”. Esse pensamento vem ao encontro do que Erikson percebeu em seus estudos interculturais.

Para Brandão (2007, p. 20), o saber envolve situações pedagógicas interpessoais não se limitando às técnicas pedagógicas escolares e seus profissionais.

Os que sabem fazem, ensinam, vigiam, incentivam, demonstram, corrigem, punem e premiam. Os que não sabem espiam, na vida que há no cotidiano, o saber que ali existe, veem fazer e imitam, são instruídos com o exemplo, incentivados, treinados, corrigidos, punidos, premiados e, enfim, aos poucos aceitos entre os que sabem fazer e ensinar, com o próprio exercício vivo do fazer.

Se retomarmos o que é apresentado nos estágios iniciais da Teoria Psicossocial, lembramos que o desenvolvimento se dá a partir da interação direta com a família, que não apenas ensina, mas regula, demonstra, corrige, na intenção de diminuir as forças básicas negativas e adequar a criança à cultura da sua sociedade. Assim, Brandão (idem) afirma que: “pelos cantos do cotidiano, todas as situações entre pessoas, e entre pessoas e a natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura do grupo – têm, em menor ou maior escala a sua dimensão pedagógica”.

A cultura para Brandão (2007, p. 25) é tudo que existe, “criado em uma sociedade como conhecimento que se adquire através da experiência pessoal com o mundo ou com o outro”. Destacamos que educação não é sinônimo de cultura, mas um instrumento que a serve e a integra, contribuindo para o processo de endoculturação, “através do qual um grupo social aos poucos socializa, em sua cultura, os seus membros, como tipos de sujeitos sociais”.

Assim como Erikson, a compreensão de que Brandão (2007) apresenta sobre a educação vem de seus estudos sobre cultura e educação dos povos indígenas. Igualmente, ele percebeu que em sociedades mais complexas, o saber tende a ser hierarquizado de acordo com as funções atribuídas a ele pela sociedade, estando reservado a instituições escolares.

Contudo, mesmo em sociedades burocratizadas, ela existe, segundo Brandão (2007, p. 31), como “um inventário amplo de relações interpessoais diretas no âmbito familiar: mãe-filha, pai-filho, [...] irmão-mais-velho-irmão-caçula e assim por diante. Esta é a rede de trocas de saber mais universal e mais persistente na sociedade humana”. Apenas após essas interações iniciais, complementa Brandão (idem, pp. 31-32): a educação pode existir “entre educadores-educandos não parentes – mas habitantes de uma mesma aldeia, de uma mesma cidade, gente de uma mesma linguagem – semiespecializados ou especialistas do saber de algum ofício mais amplo ou mais restrito”.

Ele frisa que a educação não é essencialmente boa ou má. Ela serve à cultura, sendo utilizada como instrumento de poder e regulação, auxiliando na construção de homens ideais para uma determinada sociedade. Como destacaram Contrim e Parisi (1982), as finalidades atribuídas a ela variam de acordo com o tempo, a cultura e a sociedade. Ela pode servir para superação das desigualdades ou para a sua manutenção. As desigualdades são mais evidentes em sociedades mais complexas que se alimentam dela para sua sobrevivência. Como lembrou Carpigiani (2010), quanto mais complexas as relações econômicas de uma sociedade, mais burocratizado é a busca pelo saber. A esse respeito afirma Brandão (2007, p. 34):

[...] onde um tipo de educação pode tomar homens e mulheres, crianças e velhos, para torná-los todos os sujeitos livres que por igual repartem uma mesma vida comunitária; outro tipo de educação pode tomar os mesmos homens, das mesmas idades, para ensinar uns a serem senhores e outros, escravos, ensinando-os a pensarem, dentro das mesmas ideias e com as mesmas palavras, uns como senhores e outros, como escravos.

Em síntese, a educação aparece na Teoria Psicossocial como o processo de transmissão de conhecimentos, experiências e técnicas vivenciadas de gerações anteriores para as novas gerações. Esse processo tende a ser mais simplificado em sociedades com uma economia simples e mais complexa e burocratizado em sociedades economicamente mais desenvolvidas e busca, de modo geral, a adequação dos sujeitos à sociedade em que estão inseridos, passando por um processo de endoculturação. A educação não é a cultura, mas uma ferramenta que serve para sua transmissão, ocorrendo de forma sistêmica, a partir da elaboração de um espaço específico com técnicas de aprendizagem elaboradas

especificamente para este fim ou de forma assistêmica, a partir das interações com o meio sem uma finalidade propriamente educativa.

Como observado, mesmo não apresentando um modelo ou técnicas para a educação dos sujeitos, a Teoria Psicossocial contribui sobremaneira para pensarmos o desenvolvimento humano no qual a educação – escolar e não escolar – está presente, fazendo-se central como instrumento a serviço da cultura. Embora existam poucos trabalhos em língua portuguesa que estabeleçam a ligação entre a teoria eriksoniana e a educação, pesquisadores como Bordignon (2007), Nascimento, Alves e Júnior (2015) e Silva, Marques e Dantas (2015) apresentam trabalhos que contribuem para a compreensão desta relação. A seguir, apresentamos os trabalhos desses pesquisadores e listamos suas contribuições.

3.4 Contribuições da Teoria Psicossocial a educação

O trabalho de Nascimento, Alves e Júnior (2015, p. 4) versa sobre a contribuição da Teoria Psicossocial a ideia de formação humana. Para eles, Erikson apresenta aspectos formativos em sua teoria ao reconhecer “a necessidade de relações afetivas e comunitárias fortalecidas a partir da infância” para um desenvolvimento pleno e saudável dos sujeitos. Nesse interim, a teoria eriksoniana tem forte afinidade com a educação para a formação do homem, estabelecendo etapas necessárias para o seu desenvolvimento. Ela apresenta uma direção normativa necessária a esse processo junto à compreensão de como ele se manifesta durante a vida, em conformidade com a educação a que o sujeito tiver acesso.

Em relação aos estágios do desenvolvimento psicossocial, os autores afirmam que cada etapa é compreendida por uma crise da personalidade centrada no ego, resultando em cada crise na sua fortificação ou fragilização. Assim, a personalidade se reformula, incorporando virtudes ou medos, contribuindo para o processo de maturação do indivíduo atrelando elementos culturais à personalidade. Percebe-se que na teoria de Erikson a formação humana se exerce integrada à educação, concebida em sentido amplo, manifestando-se por meio da autopercepção e cuidado de si.

Isso pressupõe a capacidade do homem de refletir sobre a sua atuação no mundo e sobre ele mesmo. Conforme Nascimento, Alves e Júnior (2015, p. 9), “este diálogo entre o Eu e o meio embasa a intencionalidade de formar o conceito apropriado de educação para a formação humana a partir da concepção de que se deve atingir uma determinada condição que ainda não se encontra desenvolvida, atualizada ou presente”.

Para Nascimento, Alves e Júnior (2015) a educação não pode existir sem promover o desenvolvimento psicossocial e moral do ser humano. O ato educativo não pode ser restrito à socialização e à formação da identidade, “mas se transpõe ao nível mais elevado de compreensão e comprometimento com os valores normativos da educação voltada à formação humana”. Assim, compreendem que a

formação humana ocorre mediante a superação bem sucedida dos estágios de desenvolvimento enfrentados no decorrer da vida. A superação só é possível, segundo os referidos autores (ibidem) com o enfrentamento das forças “que representam aquilo que há de negativo, regressivo ou primitivo no próprio ser humano e também no ambiente em que vive”.

Os autores concluem que a educação pode ser ricamente beneficiada pela Teoria Psicossocial quando compreendidas as etapas processuais necessárias à formação humana postulada por Erikson. Ao compreendermos as sucessivas crises enfrentadas pelo homem para a sua formação e as interferências do contexto social ao longo do ciclo vital, reconhecemos os sentidos daquilo que cada um precisa enfrentar em prol de sua maior individuação ou integração fortalecendo o sentido do educar, ao mesmo tempo em que põe em relevo a magnitude e desafio de sua realização (NASCIMENTO; ALVES e JÚNIOR, 2015).

No artigo de Silva, Marques e Dantas (2015) os pesquisadores discutem as implicações da Teoria Psicossocial para a compreensão da adolescência em um contexto escolar. Partem da compreensão de que o adolescente é um ser biológico, social, totalmente humano dotado de sonhos, expectativas, anseios, necessidades, crenças e valores. Um ser coletivo situado no mundo real que passa por transformações, a partir da dinâmica das interações com o meio.

Os autores se aproximam de Erikson, ao afirmar que a adolescência é um período de transição entre a infância e a vida adulta, um período de muita instabilidade e que o desenvolvimento da identidade nessa etapa ocorre de formas diferentes em cada cultura. Em algumas, representa um momento de ruptura total e imediato com a infância, significando o recebimento de novos papéis, oportunidades e responsabilidades. Em outras, essa ruptura ocorre de forma mais gradual, sendo percebida apenas já na fase do adulto jovem.

Também concordam com ele ao afirmarem que a crise vivenciada na adolescência é necessária para reunir e dar forma à identidade dos sujeitos. Esse é o momento de reunir e conformar todas as experiências vivenciadas pelo adolescente até aquele momento nas instâncias sociais, psicológicas e individuais, dando uma forma para sua identidade que até esse momento era disforme. Quando esse encontro não ocorre, o adolescente enfrenta um desajuste social refletido no sentimento de identidade difusa.

Silva, Marques e Dantas (2015) realizaram um relato descritivo elaborado a partir de entrevistas não padronizadas com adolescentes de ambos os sexos, matriculados no segundo ciclo do Ensino Fundamental de uma escola pública da Paraíba. Objetivou compreender a influência do ambiente escolar sobre a formação da identidade de adolescentes, tendo como foco a crise identidade versus confusão de papéis, apresentada em um dos estágios de desenvolvimento da Teoria Psicossocial.

Assim, como postulou Erikson sobre essa etapa, os pesquisadores identificaram entre os adolescentes a formação de grupos por identificação sexual e ideológica. Os alunos que não integravam

nenhum grupo, comumente demonstravam interesse por algum assunto levantado pelos grupos na intenção de serem aceitos. Além disso, foi evidente, a partir do trabalho, que a maioria dos adolescentes pesquisados prefere a companhia dos amigos à da família, o que reforça a importância dos grupos de pares para a formação da própria identidade.

Silva, Marques e Dantas (2015) reconhecem a Teoria Psicossocial como uma ferramenta importante que pode e deve ser agregada ao meio educacional como um aparato adicional para a compreensão do processo de desenvolvimento humano. Sendo a educação básica um direito, obrigatoriamente, passamos um longo período da nossa vida na escola, principalmente, durante a infância e a adolescência, período que contabiliza, ao menos, três dos oito estágios apresentados na teoria psicossocial.

Assim, mesmo não sendo largamente adotada em disciplinas acadêmicas, é nítido que os conceitos apresentados pela Teoria Psicossocial contribuem sobremaneira para pensarmos a influência da escola sobre o desenvolvimento psicossocial e vice-versa. Os autores destacam que comumente a escola é vista em nossa sociedade como um espaço de salvação, entretanto, é importante reconhecer que escola e família devem caminhar juntas para a formação e construção da identidade dos adolescentes a finalidade de minimizar os danos, segundo Silva, Marques e Dantas (2015, p. 6), “advindos de um processo de maturação não dialogado e assistido, que muitas vezes a via de acesso se dá por meio do outro que é mal intencionado gerando desvio de condutas”.

Diferente dos trabalhos apresentados Bordignon (2007) centrou sua discussão no desenvolvimento do adulto jovem, direcionando seu olhar para professores de oito escolas particulares de confissão católica de Ensino Fundamental e Médio, da Grande Porto Alegre, no nível pessoal e profissional. O autor realizou uma pesquisa quali-quantitativa através da aplicação de um questionário de múltipla escolha sobre cada um dos oito estágios psicossociais, com a intenção de averiguar a internalização de cada um dos itens a partir do significado atribuído por cada pessoa.

Bordignon (2007, p. 9 - 13) entende a educação como um processo de “relação dialógica entre sujeitos que se educam, num duplo sentido das relações, e para tal são significativas as qualidades psicossociais que se estabelecem entre os sujeitos”. Para ele, cabe ao professor a maior responsabilidade pelo processo educacional por ter passado por um período maior de formação pessoal e profissional necessários para o desempenho da profissão, contudo, a relação professor-aluno é dialética, sendo via de mão dupla entre esses sujeitos, fazendo de ambos educadores e educandos.

Partindo dos dados coletados, o pesquisador argumenta que os professores apresentam competências acadêmicas e forças básicas surgidas durante as crises dos estágios vivenciados até o momento. Essas forças integram suas qualidades pessoais e profissionais, fortalecendo sua atividade educativa. Integram aspectos e níveis de afetos, pensamentos e atitudes dessas pessoas, estendendo-se

para o seu desenvolvimento físico, psíquico e intelectual, nas relações consigo mesmo, com os alunos e a sociedade. Também foram identificadas forças básicas negativas, presentes em conteúdos da vida pessoal e profissional dos professores, refletindo na formação pessoal e no exercício do trabalho desses educadores (BORDIGNON, 2007).

Para o pesquisador, os professores apresentam as virtudes descritas por Erikson. Possuem uma boa confiança básica em si; desenvolveram autonomia para decidir; são capazes de tomar iniciativa em situações importantes; são competentes e comprometidos com questões pessoais, familiares e profissionais; sua identidade pessoal e profissional lhes garante fidelidade a seus valores sociais e culturais; capacidade produtiva e criativa na profissão; “e manifestam capacidade de integridade como síntese dos estágios anteriores expressos na sabedoria de vida” (BORDIGNON, 2007). Contudo, segundo o referido autor (idem, p. 13):

[...] percebe-se, em menor intensidade, as forças distônicas de cada um dos estágios psicossociais: uma certa desconfiança de si, dos outros, alimentam sentimentos de vergonha e dúvida sobre si, sobre suas competências e habilidades, acompanhado de medos e culpas próprios; manifestam algum grau de inferioridade e de insegurança em sua identidade pessoal e profissional, bem como demonstram algumas atitudes de isolamento afetivo, acompanhado com pequena parcela de narcisismo e fechamento e de momentos de desesperança frente aos valores transcendentais e futuros.

Para o pesquisador, cada crise é considerada uma oportunidade para o desenvolvimento do indivíduo. Um momento de avanço ou regresso. Os professores percebem e sentem essas crises como realidade profunda e significativa em suas vidas – nas relações familiares, sociais, profissionais e religiosas. Ao vivenciá-las, diz Bordignon (idem, p. 14): “se sentem seguidamente frágeis diante delas, com certa dificuldade e impossibilidade para conseguir superá-las e fazer nascerem às potencialidades com toda sua vigor”. Entretanto, mesmo com essas fragilidades, os professores se sentem aptos para superarem as forças distônicas e resolver de forma positiva suas crises.

Bordignon (2007) nos lembra de que os conteúdos apreendidos em fases anteriores contribuem para a solução das crises seguintes, ao mesmo tempo, as novas crises oferecem uma segunda chance de solução dos dilemas não solucionados em fases anteriores. Nesse caminho, ele (idem) destaca a relação significativa que existe entre as forças desenvolvidas na idade escolar e na adolescência.

Isto é, podemos afirmar que as variações da expressão da adolescência: *'Eu sou o que posso crer fielmente'*, são explicadas ou causadas, em parte, pelas variações do conteúdo da expressão, *'eu sou o que posso aprender para realizar trabalho'*, da idade escolar. Em outras palavras, os professores que se dedicaram a aprender as orientações e normas para realizar trabalho na idade escolar, acreditaram em suas capacidades como adolescentes para exercer a profissão que estavam iniciando e, como adultos são eficientes em sua profissão.

Outra consequência importante descrita pelo autor é que a resolução positiva das crises básicas implicam o estabelecimento de relações positivas desde os membros da família nos três primeiros estágios

e com outros grupos sociais, a sociedade e a humanidade como um todo nos estágios seguintes. Para os professores, o desenvolvimento sadio dessas relações implica o desenvolvimento das capacidades de cooperação, de partilha, integração e relações de solidariedade com os alunos - forças extremamente importantes para o trabalho docente.

Cada estágio psicossocial representa um conjunto de elementos imprescindíveis que vinculam o indivíduo à sociedade. Assim, conforme Bordignon (2007, p. 15), “é importante que a criança seja educada nas normas e limites que deve atender quando inicia seu exercício de autonomia muscular, curiosidade cultural e experiência afetiva, dos 02 aos 03 anos”. Nessa fase, ela precisa desenvolver o desejo de fazer as coisas de forma autônoma, o que é um elemento essencial para a criação da vontade e da capacidade de decidir, de aprender os limites de viver em sociedade, para adquirir uma boa aceitação dos outros e inserir-se com tranquilidade na sociedade. Para o autor (idem), “estes conteúdos devem fazer parte dos programas curriculares para ajudar as crianças e jovens na aquisição dos princípios em cada um dos estágios em vista de sua formação integral”.

Neste cenário, os professores surgem como pessoas aptas a contribuir com o desenvolvimento saudável dos alunos, tendo sustentação teórica e prática para formar as novas gerações em cada um dos estágios, pois conforme Bordignon (ibidem), “sabem integrar os princípios ideológicos, filosóficos tanto em sua vida pessoal como profissional. Esse aspecto também se torna um aspecto importante na formação das ideologias e dos princípios filosóficos que os alunos devem adquirir para constituir sua identidade pessoal”.

Concluindo, o autor lembra que as crises psicossociais, mesmo apresentadas em uma ordem sequencial atuam em todos os momentos da vida. Forças básicas positivas e negativas agem simultaneamente, de modo dialético, interagindo de forma dinâmica num processo de equilíbrio/desequilíbrio ao longo da vida. Diz Bordignon (2007, p. 16):

[...] também a educação é perpassada por este processo dialético de crises entre conceitos existentes e novos paradigmas; uma educação mais centrada no desenvolvimento das virtudes e qualidades ou preocupada com a correção dos defeitos e a superação das fragilidades, das forças distônicas. Este esforço contínuo entre conteúdos e processos diferentes deixa aceso o interesse pelo estudo e a pesquisa para a melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria do Desenvolvimento Psicossocial nos oferece um olhar ampliado para o desenvolvimento humano, estendendo nossa compreensão sobre a identidade e a personalidade para além da adolescência. O desenvolvimento em etapas, característico da corrente psicanalítica, tem seu foco desviado para a importância das interações sociais e da cultura em cada estágio, fazendo surgir comportamentos que

satisfaçam as necessidades individuais e coletivas dos sujeitos. O deslocamento do ego para o centro do desenvolvimento e as crises que vivencia são responsáveis pelas mudanças que contribuem para a formação da personalidade e da identidade.

Compreendemos que a educação na teoria psicossocial é um instrumento para a inserção dos sujeitos na sociedade a partir da assimilação da cultura de seu povo. Nesse interim, não existe uma educação, mas educações que não se limitam à escola e podem ser simples ou complexas a depender da configuração temporal, social e econômica da sociedade. Nesse cenário, mesmo não oferecendo uma leitura definitiva sobre esse fenômeno social, a teoria eriksoniana contribui sobremaneira com o processo educativo, ao oferecer subsídios teóricos para a compreensão do desenvolvimento humano.

Partindo dos textos coletados para este estudo, podemos perceber a versatilidade dos conceitos eriksonianos, ao possibilitar a leitura sobre sujeitos em momentos distintos de vida, possibilitando-nos compreender os processos que implicam no desenvolvimento da criança recém-nascida até o idoso, ao final do ciclo vital. Assim, compreendemos que o estudo sobre sua obra é importante, oferecendo subsídio teórico para os profissionais da educação.

REFERÊNCIAS

BEE, Helen. Teorias do desenvolvimento. In: BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. 9 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BORDIGNON, Nelso Antonio. **O desenvolvimento psicossocial do jovem adulto em Erik Erikson**. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1794-44492007000200002. Acesso em: 09 out. 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CARPIGANI, Berenice. **Erik H. Erikson – Teoria do Desenvolvimento Psicossocial**. Disponível em: http://www.carpsi.com.br/Newsletter_7_ago-10.pdf. Acesso em: 29 ago. 2018.

CONTRIM, Gilberto; PARISI, Mário. A educação, sua natureza e finalidade. In: CONTRIM, Gilberto; PARISI, Mário. **Fundamentos da Educação**. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

NASCIMENTO, Isabela Ribeiro Villares; ALVES, Edvânia dos Santos, JÚNIOR, José Policarpo. **Contribuições do pensamento de Erik Erikson à ideia de formação humana à educação**. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MDI_SA6_ID2022_09092015150858.pdf. Acesso em: 09 out. 2018.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12 ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. Disponível em: <https://josesilveira.com/wp-content/uploads/2018/07/Erikson-e-a-teoria-psicossocial-do-desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2018.

RODRIGUES, Maria Piazzentin Rolim; MELCHIORI, Lígia Ebner. **Aspectos do desenvolvimento na idade escolar e na adolescência.** Disponível em:

https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155338/3/unesp-nead_reei_ee_d06_s01_texto01.pdf.

Acesso em: 29 ago. 2018.

SILVA, Alcivan Pereira da; MARQUES, M. L. G. R. Dantas; DANTAS, Gildevan Estrela. **Relação entre a teoria psicossocial de Erik Erikson e a adolescência no contexto escolar.** Disponível em:

http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD4_SA2_ID2732_08092015003107.pdf. Acesso em: 09 out. 2018.

VERISSÍMO, R. **Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson).** Porto: Faculdade de Medicina do Porto, 2002.